



VOZES QUILOMBOLAS EM “AVISA LÁ QUE EU VOU”: SENTIDOS EM DISPUTA NA MÍDIA TELEVISIVA

Ana Cláudia Mello da Silva¹

Carla Barbosa Moreira²

Considerações iniciais

Na contemporaneidade, a mídia televisiva desempenha papel relevante na difusão de discursos sociais e culturais. No Brasil, recebe destaque a Rede Globo, uma das maiores emissoras do mundo, a qual reafirma sua influência por meio de programas como o Fantástico, um dos mais tradicionais e de maior audiência desse canal televisivo. No âmbito do entretenimento, o programa recorre ao humor como recurso de engajamento, o que se evidencia, por exemplo, no lançamento do quadro “Avisa lá que eu vou” em 2022. O quadro é um recorte de um programa que possui o mesmo nome e é veiculado pelo canal por assinatura GNT. Assim, no Fantástico, é exibida uma prévia do conteúdo de tal programa. A atração percorre o Brasil apresentando histórias, costumes e culturas de distintas regiões, com atenção especial a comunidades que compõem essa pluralidade. Entre as comunidades retratadas, as quilombolas figuram em quatro dos vinte episódios exibidos nas temporadas de 2022 e 2023 por meio de pequenas narrativas de seus representantes.

Em vista disso, este trabalho busca analisar os efeitos de sentido produzidos sobre comunidades quilombolas no discurso do quadro “Avisa lá que eu vou”. O *corpus* é constituído por recortes de trechos do quadro retirados de um episódio da primeira temporada (2022) e de três episódios da segunda temporada (2023). Para a análise, utilizaremos como referencial teórico-metodológico a perspectiva da Análise do Discurso materialista, ancorada nas concepções de Pêcheux ([1975] 2009) e Orlandi (2003). Diante disso, nos basearemos nas noções de formação discursiva, sujeito, memória discursiva e silenciamento.

Antes de adentrarmos nas análises, é importante contextualizar brevemente alguns aspectos teóricos do campo da Análise do Discurso de viés materialista. Essa abordagem “partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia” (Orlandi, p. 17). Assim, é uma perspectiva que entrecruza linguagem, história e ideologia para compreender as formações discursivas que perpassam o dizer. Quanto ao conceito de formação discursiva, Pêcheux ([1975] 2009, p. 149) aponta que se trata daquilo que “numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagens pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Mestre e graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

² Professora adjunta do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Doutora em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal Fluminense. Pós-doutorado em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense e pela Universidade Federal de Minas Gerais.



de classes, determina o que pode e deve ser dito”. As formações discursivas, desse modo, podem ser entendidas como formas de ver o mundo de um grupo social ligadas a uma formação ideológica.

No que tange ao sujeito no discurso, Pêcheux ([1975] 2009, p. 84), indica que o sujeito “é um efeito: efeito de sentido, efeito da ideologia”. Logo, é um sujeito assujeitado, o qual assume diferentes posições discursivas (Pêcheux, [1975] 2009) determinadas pelas condições de produção e pelos lugares ideológicos que ocupa. Ao enunciar, o sujeito mobiliza a memória discursiva, definida por Orlandi (2007, p. 45) como “aquilo que permite que um dizer faça sentido, é o que antecede e excede o que é dito, sustentando o que pode ser dito” (Orlandi, 2007, p.45). Dessa forma, depreende-se que os dizeres de um sujeito são efeitos da memória discursiva, pois faz emergir sentidos já ditos, reinscrevendo-os no presente.

Deve-se salientar que um dos efeitos do funcionamento da memória discursiva é o silenciamento. Para Orlandi (2007, p.31), “[...] o silêncio não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é”. Torna-se fundamental, portanto, considerar os silêncios que atravessam os discursos, ou seja, analisar o não dito. Isso porque o silêncio também produz sentidos, sendo influenciado por fatores históricos e ideológicos. No processo de produção de sentidos, destaca-se também a noção de evidenciamento. Conforme Moreira (2024), o evidenciamento configura-se como um movimento discursivo inscrito na política do silêncio, pois, assim como há sentidos silenciados, há aqueles que são evidenciados discursivamente. Dessa maneira, enquanto estratégia discursiva, o evidenciamento atua na legitimação de certos dizeres em detrimento de outros, sendo fundamental analisar de que modo ele produz sentidos discursivamente.

É importante ressaltar também o conceito de Quilombo. Para isso, partimos das concepções de Beatriz Nascimento, que aponta que “Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural” e que “Durante sua trajetória o quilombo serve de símbolo que abrange conotações de resistência étnica e política” (Nascimento, 2007, p. 124)”. Entender esse conceito é essencial para compreendermos os sentidos mobilizados no *corpus* analisado.

Análise discursiva

Para as análises, selecionamos quatro sequências discursivas que compõem o *corpus*. A primeira se trata de uma fala do apresentador Paulo Vieira:

SD1 - O tempo da escravidão tá muito próximo, né? As vezes as pessoas não têm muita noção, acha que isso é uma coisa que foi muito no passado e que não faz muito sentido falar sobre isso mais, mas o senhor mesmo conviveu com uma pessoa que foi vendida.

Nessa sequência, o apresentador assume uma postura antirracista, opondo-se ao discurso dominante que tende a naturalizar o apagamento da escravização, tratando-a como algo distante, sem relevância atual. Dessa forma, ele busca romper com esse silenciamento, reinscrevendo a escravização na



contemporaneidade ao apontar que é algo que "tá muito próximo" e, consequentemente, afeta a atualidade. A presença da negação em "não têm muita noção" e "não faz muito sentido" reafirma tal posicionamento ao indicar a incompreensão social marcada por essa memória dominante de apagamento. Além disso, observa-se que Paulo fala a partir de uma posição de sujeito conscientizado, sendo atravessado por memórias discursivas ligadas à história do povo negro e a discursos de resistência ao demonstrar que a escravidão ainda é uma ferida aberta na história do país.

A forma como o apresentador se dirige ao interlocutor ("o senhor mesmo conviveu com uma pessoa que foi vendida") mobiliza a memória viva da escravidão, colocando tal interlocutor no lugar de testemunha de um passado ainda presente. Quanto ao silenciamento, nota-se que ele atua como o próprio objeto de crítica dessa SD, uma vez que Paulo denuncia a tentativa do discurso hegemônico de apagar a escravidão, pois, ao apresentá-la como "coisa do passado", não haveria motivos para que ela fosse discutida, silenciando-se sentidos ligados à violência colonial e à persistência do racismo. Logo, a fala dele rompe com esse silenciamento, dando voz ao que a formação ideológica dominante tenta apagar.

As sequências discursivas 2 e 3, apresentadas abaixo, também destacam o silenciamento que percorre as construções discursivas presentes no quadro.

SD2: Paulo: Não é horrível morar com parente não, gente?

Vozes conjuntas: Não

Mulher não identificada 1: **É não**, na hora da briga dá pra todo mundo se beijando

Josivania: **Uma parte é horrível e outra não é**

Paulo É?

Paulo: Qual é a parte horrível?

Josivania: Vai e inventa uma fofoca dali e outra dacolá...

Paulo: Quem é o mais metido ou a mais metida daqui?

Mulher não identificada 2: Josivania

SD3: Paulo: Quero que você faça uma pocket festa da ostra pra mim. Já vou garantir música, vou convidar uns amigos meus pra gente já ter música. Cê canta também. E, aí, como você tem me ensinado, né? Quilombo é coletividade, é tudo no coletivo, eu não posso falar "ah, vou me mudar aqui pra comunidade" e não vou trazer nada pra comunidade. Então eu quero ajudar nessa coisa do marketing, então eu, o que que eu pensei, como eu sou ator, eu poderia inventar um mascote pra festa da ostra.

A SD2 foi recortada de um episódio em que Paulo Vieira entrevista mulheres da mesma família, pertencentes ao Quilombo Mundo Novo. Nesse recorte, a pergunta "Não é horrível morar com parente não, gente?" se configura como um questionamento que parte de um modelo familiar dominante, ligado à família nuclear pequeno-burguesa, que tende a considerar morar com parentes algo naturalmente ruim. Desse modo, o apresentador formula essa pergunta porque está falando a partir de uma posição-sujeito marcada por esse discurso dominante, o qual valoriza viver separado dos parentes e desvaloriza arranjos familiares maiores, com maior número de pessoas. A negação presente nesse questionamento funciona parafrasticamente, pois ela é retomada nas respostas "É não" e "Uma parte é horrível e outra não é", as quais indicam a disputa entre duas posições de sentido sobre o convívio familiar, alternando entre conflito e afeto.



Nota-se nessa SD que assuntos ligados ao próprio quilombo são deixados de lado, dando-se evidência a temas banais e cômicos sobre a convivência familiar, o que silencia dimensões sociais e históricas do lugar. Dessa forma, embora a conversa se passe em um contexto quilombola, os sentidos voltados à identidade negra, à resistência e à luta comunitária não aparecem. Isso pode ser explicado pelo fato de o programa, sendo um produto midiático que visa ao entretenimento, privilegiar temas considerados mais “leves” e humorados, o que, em contraposição, apaga os sentidos políticos e históricos da comunidade, impossibilitando que esse espaço midiático funcione como um espaço de resistência.

Na SD3, Paulo fala a partir da posição de um sujeito que visita uma comunidade quilombola e solicita a Ananias, um dos líderes do local, uma apresentação de uma festa tradicional da comunidade, a festa da ostra. Nesse caso, há um reconhecimento cultural, buscando evidenciar esse aspecto da comunidade. Ao mesmo tempo, observa-se nessa SD a cultura do espetáculo, marcada pela ideia de “marketing”, pela figura do mascote e pela realização de um evento “pocket”. Esses elementos trazem à tona uma memória contemporânea da midiática, produzindo sentidos que transformam a cultura em produto, o que pode dar visibilidade, mas também reduzir sua dimensão política e histórica. Nesse viés, há um silenciamento sutil que esvazia o sentido original da festa da ostra como ritual comunitário. Portanto, não ocorre um apagamento total, mas uma neutralização de sua força política ao destacar apenas o aspecto de “entretenimento”.

Nessa SD, a paráfrase manifesta-se na retomada da noção de coletividade nos enunciados “quilombo é coletividade”, “é tudo no coletivo”, “vou me mudar aqui pra comunidade”, os quais indicam os sentidos historicamente produzidos sobre o quilombo como espaço de vida compartilhada e resistência, sendo este um saber produzido pelo povo negro. Essa repetição, segundo Orlandi (2007), tem a função de produzir evidências discursivas, naturalizando sentidos como se fossem naturais e óbvios. Vale destacar que a estrutura condicional em “eu não posso falar [...] e não trazer nada pra comunidade” opera instaurando uma regra ética que orienta o dizer e mostra qual é o comportamento esperado dentro do coletivo que marca o quilombo. Assim, nota-se o evidenciamento da coletividade quilombola como algo valoroso.

Já a quarta sequência discursiva selecionada para a análise apresenta o seguinte diálogo entre Paulo Viera e Careca, uma mulher quilombola:

SD4: Paulo: Me conta qual que é a história desse lugar aqui.

Careca: A comunidade em si...

Paulo É um quilombo, né?

Careca: É um quilombo. É...através de...da da escravidão muitos negros, **em busca de um refúgio**, se localizaram aqui. E aí, o dono se viu na situação muito, assim, desagradável, correndo risco de vida, é...ele se apegou **a santa protetora daqui, que é Santa Bárbara**.

Paulo: Hum...

Careca: Daí **ele se apegou com ela** que se por acaso ela **tirasse ele daquele mal momento**, daquela situação que ele tava vivendo correndo risco de vida, ele **doaria a terra pro povo negro**.

Nessa sequência, Careca apresenta a história do Quilombo Santo Antônio dos Pretos. Observa-se que expressões como “a santa protetora daqui”, “ele se apegou com ela” e “tirasse ele daquele mal momento”



repetem uma mesma linha discursiva conciliatória, que desloca o conflito da escravidão para um viés moral e religioso. Desse modo, há a mobilização de sentidos que naturalizam a ideia de proteção divina e amenizam a violência do sistema escravista. A narrativa religiosa, portanto, atravessa a história de violência que marca a construção dos quilombos. Isso promove o apagamento da luta negra, pois substitui o conflito pela ideia de salvação religiosa. Assim, a relação entre senhor e escravizados é reinterpretada como devoção à santa, suavizando a violência histórica. Além disso, vale destacar que há um funcionamento parafrástico quando Careca retoma enunciados naturalizados como “em busca de um refúgio”, “povo negro”, “doou a terra”, expressões que circulam na memória social brasileira sobre quilombos. Dessa maneira, seu discurso reinscreve sentidos já conhecidos, reforçando uma visão estabilizada sobre essas comunidades.

Cabe mencionar que, ao dizer que o dono das terras corria “risco de vida”, o relato o coloca como vítima e atribui sua salvação à santa. Com isso, reforça-se o desvio da responsabilidade histórica e do conflito para o campo do sagrado, apagando as relações de poder envolvidas. Ademais, ao afirmar que ele “doaria a terra”, o relato produz uma tensão entre a terra que é de direito da comunidade e a terra doada. Entre proteger a própria vida e cumprir uma promessa, a doação acaba sendo significada como um gesto de bondade, apagando novamente as relações de força que atravessam essa história. Convém abordar que Careca demonstra uma consciência da resistência ao apontar que o quilombo nasceu como um local de refúgio dos escravizados, mas também expressa uma internalização de uma narrativa branca e religiosa de doação. Logo, o sentido de luta é suavizado, distanciando-se da compreensão de que, durante a escravidão, os negros escravizados resistiam à violência e à dominação da cultura branca fugindo e formando quilombos em locais de difícil acesso, onde podiam preservar seus costumes e tradições (Peixoto, 2014).

Cumprir acrescentar que há nessa SD alguns silenciamentos, como da violência e dos conflitos ligados à luta por terras, os quais não são citados e persistem até os dias de hoje. Há ainda o silenciamento do sujeito negro enquanto um agente direto do desenvolvimento das comunidades quilombolas, pois o protagonismo é dado ao dono da terra e à Santa Bárbara, não para os próprios quilombolas, o que os apaga como sujeitos de sua emancipação. Há de se destacar, a partir disso, que esse protagonismo evidencia esses personagens e a religiosidade, sendo que a formação do quilombo aparece como um acontecimento pacífico e abençoado, não marcado por lutas e pela autonomia negra. Vale ressaltar que, por outro lado, há também um importante evidenciamento cultural ao ser exposta a existência de uma preservação da memória da história do quilombo, sendo oralizada e transmitida entre as gerações. Isso porque enunciados como “a santa protetora daqui, que é Santa Bárbara” materializam pelo “ser” a identificação desse coletivo com a Santa, criando um efeito de sentido de exposição de um saber.

Logo, Careca se posiciona como um sujeito que, sendo interpelado pela ideologia, ocupa um lugar de porta-voz da história de sua comunidade, porém tendo seu dizer atravessado por questões ideológicas dominantes. Depreende, portanto, que nessa SD há o atravessamento de uma memória da resistência negra, marcada pelas histórias de fuga e abrigo, e da dominação colonial e cristã, que ressignifica o conflito racial pela ótica da redenção e da fé, apagando a dimensão da luta e convertendo a conquista em um presente.



Considerações finais

A análise das sequências discursivas retiradas do quadro “Avisa lá que eu vou” revela como diferentes formações discursivas perpassam a construção de sentidos sobre os quilombos presentes na atração. Foi possível observar que, embora o quadro atue dando visibilidade às comunidades quilombolas, ele é atravessado por formações discursivas dominantes, reproduzindo sentidos que se entrelaçam a aspectos como a lógica do espetáculo, a religiosidade cristã e a mercantilização da cultura.

Em vista desses aspectos, compreende-se que o quadro constrói um espaço de tensões, pois, ao mesmo tempo em que promove o evidenciamento da cultura quilombola, apresenta formas de silenciamento. Assim, a mídia, enquanto instituição ideológica, se mostra como um lugar de disputa simbólica, em que as memórias da resistência negra são expostas, mas reformuladas para se adequar às lógicas ideológicas e comerciais que estruturam o discurso midiático televisivo. A representação dos quilombos aparece, dessa forma, marcada entre a resistência e o espetáculo, revelando como a mídia atua na disputa de sentidos que se estabelece entre a memória e o esquecimento.

REFERÊNCIAS

- MOREIRA, Carla. Censura e silenciamento no discurso jornalístico. In: RIBEIRO, Ana P; FERREIRA, Lucia M. (org.). **Mídia e memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 319-342.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 2007
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso** – uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1975] 2009.
- PEIXOTO, Ana C. S. **A construção de identidades em narrativas de comunidades quilombolas no sertão das gerais**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.